

EDITORIAL

Adriana Cristina Cristianini¹

Há séculos, dois assuntos têm sido freqüentes quando se fala da humanidade. Seja vinculado ao filosófico, ao histórico e/ou ao cultural, os estudos sobre a linguagem e sobre a educação tomam corpo e são apresentados de forma central ou interligados a outras áreas de pesquisa.

Nesta edição da Revista Eletrônica *Domínios de Lingu@gem*, onze artigos discorrem sobre temas que dialogam com as questões lingüística e educacional.

A amplitude dos temas é tamanha que, aqui, encontramos discussões como a pertinente preocupação do ensino utilizando-se da Língua Brasileira de Sinais, no artigo intitulado “Reflexões a partir da observação de uma aula de língua de sinais brasileira como primeira língua”, de Maria Cristina Pires Pereira, que busca analisar as possibilidades de embasamento teórico para a prática dos professores na educação de surdos e deficientes auditivos. Tal discussão intensificou-se principalmente depois do Decreto Federal 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que insere a Libras, como disciplina curricular obrigatória, “nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios”.

Encontramos também, na Revista, o artigo “A (Poli)gramaticalização do verbo ‘deixar’”, de Priscila Júlio Guedes Pinto, apontando os valores lexicais e gramaticais que o verbo vem assumindo. Este estudo apresenta os fatos básicos que permeiam a gramaticalização do verbo “deixar”, a saber: “(i) a unidirecionalidade dos estágios deste verbo, bem como a unidirecionalidade do processo metafórico presente durante o seu processo de gramaticalização; (ii) os status básicos que “deixar” pode assumir e (iii) os diversos valores, usos e funções gramaticais que este verbo vem apresentando”.

Temos, ainda, de autoria de Maria Célia Lima Hernandes, o artigo “Expressão de tempo na conexão de orações justapostas”, que muito contribui para os estudos do Português Brasileiro, visto que, segundo a autora, “a falta de consenso sobre a apreensão dos processos de combinação de orações pelos gramáticos é bastante evidente, especialmente se a justaposição for alvo de interesse”.

¹ Doutora em Lingüística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Dialectologia e Geolingüística - GPDG/USP. Professora adjunta da Universidade Bandeirante de São Paulo.

Como não poderia deixar de ser, o texto, objeto empírico, inacabado, complexo de significação, produto da atividade discursiva, teve um enfoque especial, analisando-se vários de seus aspectos. Em seu artigo, “Aspectos formais da lingüística textual: proposta de um modelo de análise sintática transfrástica”, Aldo Luiz Bizzocchi busca examinar sob que condições uma dada seqüência de frases constitui um texto e, a partir daí, formula algumas hipóteses sobre as relações sintáticas existentes ao nível transfrástico do texto. Edson Rosa, em “Gramática Funcional: da oração rumo ao discurso”, parte das teorias da Gramática Funcional (Dik), focadas na oração, e segue para a Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld & Mackenzie), modelo funcional focado em uma unidade mais ampla, o discurso.

Partindo de enunciados representativos e fundamentados em teorias da Análise Crítica do Discurso, encontramos, na Revista, grande contribuição para nossas reflexões sobre a sociedade e sobre a ideologia que nos circunda. Para isso, contamos com os artigos: “O discurso no novo capitalismo sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso”, de Paulo Roberto Almeida, que tem como objetivo “olhar os discursos, suas implicações e efeitos nas relações de força e poder que são estabelecidas no conflito entre os sujeitos nas relações sociais, nas relações entre as estruturas sociais e suas práticas sociais”; “A Leitura como Desconstrução de Estereótipos”, de Waldivia Maria de Jesus, que busca apresentar estratégias de ensino de leitura, na perspectiva da Análise Crítica do Discurso, apoiando-se nas Teorias de Protótipos e Estereótipos; “Letramento e música: uma visão crítica e reflexiva dentro das escolas de educação infantil de Monte Santo de Minas”, de Priscila Maria Paulino & Luciane de Paula, que analisa como a música veiculada na escola, por meio do seu discurso, pode colaborar ou não para a perpetuação do *ethos* capitalista.

Além disso, a Revista nos traz o artigo “Um estudo de caso sobre os tipos de erros orais de alunos novatos de língua inglesa-LE”, de Thatiany Goularth Carneiro & Marcia Regina Pawlas Carazzai, que apresenta a investigação de tipos de erros cometidos por aprendizes iniciantes de língua inglesa, com o intuito de auxiliar professores na compreensão das dificuldades dos alunos e, assim, facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Não menos importante que os resultados da pesquisa estão o processo de reflexão teórico-científico, o método, os procedimentos de trabalho que levam a esses resultados e os sustentam. Diante disso, é imperioso referenciar os artigos “Lingüista "puro" vs. lingüista "computacional": revisitando a distinção entre "lingüista de poltrona" e "lingüista aplicado””, de Gabriel de Ávila Othero, que discute alguns conflitos entre os objetivos dos trabalhos que visam ao entendimento da competência gramatical dos falantes e os objetivos dos trabalhos que visam ao estudo do desempenho lingüístico; e “A construção e análise de *corpora* para alimentação de um banco de dados terminográfico: um exemplo”, de Guilherme Fromm, que apresenta a construção de dois

corpora, bilíngües (português e inglês) nas áreas de Informática e Lingüística, retirados da Internet, com aproximadamente um milhão de palavras cada um.

Resta-nos, agora, o deleite das leituras que permeia cada artigo, cada argumento, cada reflexão...